

3.º ATO

1.º Quadro

Cena I

Peraldiana e Puxavante

- PERALDIANA — Tou arriadinha. Ai meu cumpade! Qui noite! Apois nós vim passιά e acabá drumindo no xilindró. Pra que dimonhe você foi fazê C.B.D. pros home cumpade.
- PUXAVANTE — Cumade, tome o meu conseio, este Ceará só é bom pra gente d'aqui mêrmo. Eu acho mais mió, você vortar mais eu, pros nosso pasto. Vamo aporveitá o começo do inverno, pra mode aprantá a nossa mandioquinha, cumade.
- PERALDIANA — É perciso carma, cumpade, pra mode maginá no causo. Mas qui noite horrive, mode coisa qui eu tomei uma surra de cacete. O coipo véio todo me dói.
- PUXAVANTE — E as purga, cumade? E as purga?
- PERALDIANA — Nem me fale nisso, cumpade. Eu chega já tou é o couro dos braço em petição de misera, só de coçá.
- PUXAVANTE — E aqueles bebo, cumade? Cumpañhero de infurtuno?
- PERALDIANA — Virge Maria! Aqueles muiado passarum a noite esgrumitando im riba da gente. Cada golfada azeda...
- PUXAVANTE — Mais porém, cumade, se arresorva logo a vortá pros Inhamuns. Longe de você eu num posso mais vivê. Ai, cumade!
- PERALDIANA — Ai, cumpade!
- PUXAVANTE — Adispois d'uma noite dessa de xadrez, cumade, eu acho qui nós devêra mais porém era casá e vortá os Inhamuns.
- PERALDIANA — Casá, cumpade? Apois é séro? Qué casá mais eu e vortá os Inhamuns cumpade da minh'arma?
- PUXAVANTE — Quero cumade. Eu quero nunca mais me desagruadar de você minha véia.
- PERALDIANA — Tou querendo, cumpade. Ou meu Deus chega parece qui eu assonho. Vortá casada pro Inhamum. Casada c'ó meu cumpade Puxavante! A sestifação chega me assufóca.

PUXAVANTE — Antão tu qué, cumade?

PERALDIANA — S'eu quero. Tai! Pergunta a macaco si qué banana! Tá feito o jogo, cumpade. Me dê logo um abracim pro conta, meu véio.

Cena II

Os mesmos, Elisiário e Casuzinha

ELISIÁRIO — (Entrando) Ei?! Que diabo é isso? Que xodó é esse! Vocês estão na rua.

PERALDIANA — Apois ocê ainda tem corage de falá cum nós seu desaveignonhado, seu coisa imprestáve?

PUXAVANTE — Viu nós nas brocha e arribou. Vosmicê, seu Liziaro, andou cum nós, cachorramente.

ELISIÁRIO — Não senhor. Eu não queria era ser preso. Porque se eu fosse preso, não podia tratar de soltá-los. E demais, o que seria do Casuzinha, coitado, sem conhecer ninguém aqui? Perdia-se, fatalmente.

PUXAVANTE — Isto é home, caradura.

PERALDIANA — Vão vê que ele é capaz de andá se gavando qui foi ele qui arrumou a nossa sortura.

ELISIÁRIO — Sim, senhora. Fui eu. Eu tenho importância. Levei até um cartão.

PERALDIANA — Você levou nada, você levou coisa alguma, seu peste. E cuma nós drumio nas grades?

ELISIÁRIO — E se não fosse eu, vocês ainda estavam sofrendo. Ali, no duro...

PUXAVANTE — Num seja mentiroso...

ELISIÁRIO — Mentiroso não, senhora. Vamos lá, vamos lá no posto perguntar ao Delegado.

PERALDIANA — Lá no posto? O diabo é quem vai lá. Pru node ficá lá de novo? Nós num é besta, não, seu Liziaro.

PUXAVANTE — E esse menino, adonde passou a noite?

CASUZINHA — No Clube, cum seu Liziaro. Bem acolá...

ELISIÁRIO — (Para Casuzinha) Num precisa dizer onde é não. (Para Peraldiana e Puxavante) Enquanto vocês penavam no xadrez, ele estava se divertindo. Está aprendendo a dançar.

PERALDIANA — Num bote o menino a perdê seu Liziaro!

ELISIÁRIO — Qual a perder. Ele dá pra coisa... (Para Casuzinha) Você não conte o que viu lá, nem diga quem estava lá. Aquilo é uma espécie de maçonaria. Sigilo, hein!

CASUZINHA — Eu num vi nadinha. Lá num tinha ninguém. Dançarum intê de menhazinha.

PUXAVANTE — Qui história é essa, num tinha ninguém e dançarum intê de menhá.

ELISIÁRIO — Eu e ele, sabe? Eu e ele.

CASUZINHA — Qui coisa boa, hein seu Liziaro!

ELISIÁRIO — Cale-se, deixe de estar dizendo asneira. Deixe de ser inconveniente.

(Acácia aparece)

Cena III

Os mesmos e Acácia

PUXAVANTE — Quem é aquele anjinho seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Ah! É a Acácia. Vamos ouvir. Vai cantar. (Acácia aproxima-se)

ACÁCIA — (Canta)

Já das marcas de cigarro
É Acácia (15)

É Acácia a preferida
Oleré.

Por todo moço bizarro
Escolhida
E querido

Por ser a melhor
E assim é

Pela sua perfeição
E esmero

Na confecção.

A Acácia perfumada,
Tão mimosa e tão louçã
Por todos é procurada (Bis)
É o orgulho do Markan.

ELISIÁRIO — (Canta a 1.^a parte)

ACÁCIA —

A Acácia está de há muito consagrada
Como a marca superfina
Por toda a rapaziada (Bis)
Não contém, não contém a nicotina
Esta marca, esta marca tão divina

CORO — (Canta à 1.^a parte)

ELISIÁRIO — Linda a Acácia, hein?

PUXAVANTE — É lindra, seu Liziaro, est'Acáça. Madaminha, forgo muito im cunhecê vosmicê pessoalmente. Lá nos Inhamuns só se fala na madaminha.

(15) Cigarro fabricado em Fortaleza, hoje inexistente.

ACÁCIA — Obrigada e adeus. (Sai)

PUXAVANTE — Adeus madaminha. Se alembre d'eu.

PERALDIANA — Cumpade, vosmicê deixe de afilotação

PUXAVANTE — Tá bom. Aqui já num tá quem falou.

ELISIÁRIO — A Acácia é hoje em dia a melhor marca de cigarro. Eu só fumo Acácia. E como eu todo rapaz que se preza.

PUXAVANTE — É mais mió qui o Peito de Vaca?

ELISIÁRIO — Qual Peito de Vaca? (16)

CASUZINHA — Eu cá, sou todo Acácia.

PERALDIANA — Eu, cuma só fumo cachimbo.

ELISIÁRIO — Pois a senhora fuma cachimbo?

PERALDIANA — (À parte) Ou diabo! Escorreguei sem senti. (Alto) É lá uma vezinha, conde eu tou cum dô de dente, num é cumpade?

ELISIÁRIO — Mas o que diabo é isto? Que chamego é esse? Vocês hoje estão tão coiós. Tão agarradinhos. Isto é efeito da noite de xadrez?

PERALDIANA — Apois eu vou le contá o qui hai, seu Liziaro. (Para Puxavante) Eu digo, cumpade?

PUXAVANTE — Diga cumade. Essas muié... são um saco furado, num sabem guardá um segredo.

PERALDIANA — Nós vai se casá seu Liziaro.

ELISIÁRIO — O que homem? Vão casar? (Abafando o riso)

CASUZINHA — Coco véi é qui dá azeite.

PERALDIANA — Inhô, sim. Mais porém qui graça vosmicê achou nisso? Eu serei argum peixe pôde?

ELISIÁRIO — Não, D. Peraldiana, não. Pelo contrário. (À parte) Eu estou estourando.

PUXAVANTE — Nós vai casá e vortá pros Inhamuns im riba das buxa.

ELISIÁRIO — Vão passar, então, em viagem a “Lua de mel, em plácido corcel”.

PERALDIANA — Deixe de mangação, seu Liziaro, é o causo é sero.

ELISIÁRIO — Mas é que uma lua de mel assim... é buraco!

PERALDIANA — Ói, seu Liziaro, conde vosmicê andá cum nós, pro favô laigue esse negóço de buraco...

ELISIÁRIO — Pois sim. Pois sim. E quando é o casório?

PUXAVANTE — É de sê logo.

PERALDIANA — O mais depressa possive num é cumpade?

PUXAVANTE — Ambom!

(16) Marca de cigarro.

- ELISIÁRIO — Pois se vocês querem, podem casar até hoje mesmo. Um casamento elétrico. Eu arrumo tudo. Olhe, vamos casar em Porangaba. Tenho bons amigos lá. Tomamos o bonde até o Benfica... (17)
- PERALDIANA — Eu perfiria é no terém de ferro, o meno já tou bonde até o Benfica... (17)
- ELISIÁRIO — Sabe, o melhor, D. Peraldiana, é tomarmos um automóvel.
- CASUZINHA — Eu quero i no atimove.
- PUXAVANTE — E num hai perigo não, seu Liziaro?
- ELISIÁRIO — Qual perigo?
- PERALDIANA — Esse negoço de atimove...
- ELISIÁRIO — Não tenha receio D. Peraldiana. Seja homem, homem.
- PERALDIANA — Apois seu Liziaro, eu queria mi confessá premeiro.
- ELISIÁRIO — Não seja esta a dúvida.
- PERALDIANA — E você num se cunfessa cumpade?
- PUXAVANTE — Na quaresma, cumade. Lá nos Inhamuns. Seu vigaro já sabe tanto os meu pecado, qui nem percisa mais dizê nada...
- ELISIÁRIO — Pois então vamos arranjar hoje este par de botas. Voceis casam primeiro no Civil.
- PERALDIANA — Logo no incivil, seu Liziaro?
- ELISIÁRIO — Sim. O religioso pode ficar para depois. Olhe, vocês podem até casar no religioso lá no sertão. Porque é preciso arranjar primeiro a licença eclesiástica.
- PERALDIANA — É alguma epidemia?
- PUXAVANTE — E nós percisa de licença eclesiasta pro mode casá? Nós num é maió de 21 ano?
- ELISIÁRIO — Naturalmente, mas vocês não são compadres?
- PERALDIANA — Ah! home. É verdade, cumpade! Eu nem me alembrava.
- PUXAVANTE — Esse seu Liziaro sabe de tudo.
- ELISIÁRIO — Eu arrumo também a licença. Vocês levam e casam no religioso, lá nos Inhamuns.
- PUXAVANTE — Tá bom assim cumade?
- PERALDIANA — O que você querê cumpade eu aprovo.
- CASUZINHA — Ou chamego danado.
- ELISIÁRIO — (A parte) Vai esse desgraçado cair nas garras dessa megera. Mas, como o que é de gosto regala o peito, lá que se atem.

(17) Parangaba: anteriormente denominado Arronches. Foi Município de 1759 a 1921, tendo recebido o nome de Porangaba em 1885. É Distrito da capital cearense.
Benfica: Bairro de Fortaleza, marco do término de uma das linhas de bonde.

Cena IV

Os mesmos e Jockey Club

CASUZINHA — Ói ali. Ói ali.

PERALDIANA — Qui homezin é esse, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — É o Jockey Club.

JOCKEY CLUB — (Canta)

Assim galante
O Jockey Club
Meus senhores
Represento
Sou um portento
E nas corridas vôo
Mais veloz que o vento

É o esporte, o mais dileto
De nossa sociedade
É nesta cidade
O ponto predileto
Do pessoal da moda
E da mais alta roda
Assim faceiro
E tão brejeiro

O Jockey Club
Eu represento
E eu sou um portento (Bis)
Mais veloz
Que o pensamento

Não gosto de tribofe
E jamais eu fiz forfait
Se acaso há regabofe
Não me meto no banzé
 Não fiz tribofe
 E nem forfait

Meus senhores
Viva o Jockey Club
Que são os amores
De nossa Capital
O centro de atração
O ponto ideal
Desta população (Bis)

(Sai)

PERALDIANA — Mais porém seu Liziaro, qui apito toca aquele bichim?

ELISIÁRIO — É Joke.

CASUZINHA — Eu tomém quero sê joquel.

PERALDIANA — Esse menino qué sê tudo.

PUXAVANTE — Mais quê qu'ele faz seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Corre a cavalo nos páreos do Jockey Club.

Cena V

Os mesmos e um cambista

CAMBISTA — (Entrando) O senhor não quer ficar com a caulinha de uma rifa?

PUXAVANTE — Inhô, não.

CAMBISTA — É barato. 2\$000 no grupo.

PERALDIANA — Vá adiante. Nós num qué não.

CAMBISTA — Que velhotes cabulosos. Ah! Ah! Ah!

ELISIÁRIO — Vá embora. Vá embora.

CAMBISTA — Até você, seu peste? (Sai)

PERALDIANA — Qui negoço é esse, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — A rifa em Fortaleza é, hoje em dia, uma instituição. Uma verdadeira mania. Rifa-se o que se tem e o que não se possui. Rifam-se mangas, queijos, abacates, carne seca, o diabo. Há poucos dias, uma raparigota teve a lembrança original de rifar, avaliem vocês o que...

PERALDIANA — Foi o crochéo?

ELISIÁRIO — Qual crochéo!

PUXAVANTE — O casaco?

ELISIÁRIO — Qual o que! Não são capazes de adivinhar. Pôs na rifa, o coração e foi premiada a cautela que ela passou a um chauffeur.

PERALDIANA — Qui diabo é chauffeur?

ELISIÁRIO — É um homem que dirige automóveis.

PERALDIANA — E ela terá dado o coração o home?

ELISIÁRIO — Certamente. Devia estar desocupado... Aqui há gente para tudo... E ainda sobra gente... Um dos males que mais nos afetaram... é a inveja. Ninguém pode subir nesta terra, porque os que estão de cima, empurram-nos os pés nos ombros, e os que estão em baixo, puxam-nos pelas pernas.

PUXAVANTE — Apois seu Liziaro, eu só queria tê podê, qui eu pegava tudo quanto fosse gente ruim desta terra, botava num vapô e ia sortá lá no arto mar.

ELISIÁRIO — Ah! coronel, o senhor só diz isto, porque naturalmente sabe nadar.

CASUZINHA — Lá vem uma mocinha tão bonitinha.

(Entra a casa do reclame).

PUXAVANTE — Quem é essa madaminha tão cheirosa seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Ah! É a Casa Jayme, uma das lojas de modas mais importantes que aqui existem.

CASA JAYME — (Canta)

Eu sou a Casa Jayme (18)

A melhor da Capital
De escolhida freguesia
Não há outra assim igual.
Por todos sou procurada,

Do sertão ao litoral.
Sou a mais afreguezada
Não há! Não há outra igual.

É, na verdade
Tão gracil e feiticeira
A casa do Jayme (19)
É sempre a primeira.

Vem visitar-me
Toda moça que à rua sai
De longe dou o alarme
Ai! Ai!

ELISIÁRIO — (Canta

Ela é a casa Jayme,
A melhor da Capital,
De escolhida freguesia
Não há outra assim igual
Por todos é procurada
Do sertão ao litoral
É a mais afreguezada
Não há! Não há outra igual.

CASA JAYME —

Eu tenho rendas, pongês e voiles
Lindos artigos de moderna moda.
Sedas, bordados e perfumarias
Para as moças da mais alta roda.

A minha norma é o agrado,
A elegância, e a mais perfeita gentileza
O meu nome é proclamado
Em toda a Fortaleza.

(Repetem a 1.^a parte)

(18) Noutras montagens: Casa Colombo (1920), Casa Olinda (1966).

(19) Do Eurico (1966)

PUXAVANTE — Antonce madaminha lá tem de tudo que é bom?
CASA JAYME — Tudo. Tudo o que há de mais chic em artigos de última moda. Apareçam.
PERALDIANA — Apois vá machando, menina, qui nós já passa pur lá, pro mode comprá umas coisinhas qui eu perciso, pru meu inxovaio.
CASA JAYME — As suas ordens .(Saí)

Cena VI

Os mesmos, menos a Casa Jayme

ELISIÁRIO — Tudo o que a senhora desejar, encontra lá. Olhe, acho bom comprar um chapeuzinho para o Casuzinha. Esta tampa está indecente.
CASUZINHA — Eu quero um chepelim novo.
PUXAVANTE — Apois a gente compra
ELISIÁRIO — D. Peraldiana pode comprar lá também luvas, espartilhos e uma capa. Uma senhora encapada é sempre tão respeitada! Pode comprar também a sua grinalda para o casório.
PUXAVANTE — Grinalda? Apois vosmicê já viu veúva casá de grinalda?
PERALDIANA — Nem fazia máo, cumpade. Há tanto tempo que eu invevei...
PUXAVANTE — Lá isso é veldade.
ELISIÁRIO — Pois, então, vamos à Casa Jayme, e depois a Porangaba. Vou convidar para a festa do casório, todos os meus conhecidos. Rapazes, senhoritas, tocadores de violão e até o Macacão com a harmônica. Vai ser uma festa de arromba. Vai ser uma brutalidade; cantos, recitativos, música, o diabo a quatro!
PERALDIANA —Pra que essas coisas, seu Liziaro? Eu vou ficá acanhada.
ELISIÁRIO — Não. É preciso. Vai ser um festão. Agora, avaliem vocês da Flor, de D. Rosinha e do Malaquias quando vocês chegarem em casa casados. Ah! Ah Ah!

Cena VII

Os mesmos e um grupo de rapazes e senhoritas, entre os quais Candoca, Míster Pickles, Bilontras e tocadores de violão

ELISIÁRIO — Olá. Todos os senhores estão desde já convidados para o casamento aqui do Cel. Luís Puxavante com a Ex^a. Senhora D. Peraldina Puxavante. Não falem. Boulevard Visconde do Rio Branco, 902. (20)

(20) Sede do Grêmio Dramático Familiar

PERALDIANA — Peraldiana Puxavante, não, seu Liziaro. Pur inquanto eu ainda sou Pimenta.

PUXAVANTE — É o Puxavante é adispois.

CANDOCA — Vão casar? Os meus parabéns. Como vão ser felizes!

ELISIÁRIO — E agora. A caminho. A Porangaba.

PUXAVANTE — (Oferecendo o braço) Ingata, cumade.

PERALDIANA — Demore aí, cumpade. (Para Elisiário) Nós pode i logo d'aqui assim ingatado, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Podem, pois não. Não são noivos? Mas antes de partir, vamos cantar em regozijo deste casório, realmente, como direi? fenomenal.

PERALDIANA E PUXAVANTE — Bem lembrado, seu Liziaro, vamos cantá in rigosijo. (Cantam)

PERALDIANA E PUXAVANTE —

Ai meu Deus, qui alegria
Chega a gente se agonia.

ELISIÁRIO —

Desde já estou convidado
Para o primeiro batisado.

PERALDIANA —

Tou de viage, agora neste instante
Vou me casá cum cumpade Puxavante
Ai! Ai!

PUXAVANTE —

Tão sestifeita a minh'arma tá urfana
Vou me casá c'a cumade Peraldiana.

ELISIÁRIO —

(Com ou sem coro)

Vejam só que par de galhetas
Vão se juntar esses velhos jarretas
Que casal tão extravagante
Assim jocoso, e assim febricitante.

PERALDIANA —

Afetué vamo já o casamento
Pra Porangaba partamo nesse momento
Ai! Ai!

PUXAVANTE —

Afetúá vamo já o casamento
Pra Porangaba partamo neste momento

TODOS —

Ai! Ai! Ai! Como é engraçado
Este caso assim tão avexado
Este casoro assim tão avexado.
Ai! Ai! Ai! Como é engraçado

Fim do 1.º Quadro

2.º Quadro (Casa Pobre)

Cena I

Flor e Rosa

FLOR — Estou na maior aflição. Há dois dias sem saber notícias de minha mãe. Onde terão passado a noite, ela e meu Padrinho?

ROSA — E o Casuzinha, coitado! Já estará no Seminário?

FLOR — Eu penso que eles não deviam ter ido percorrer a Capital em companhia daquele senhor Elisiário Cavalcante.

ROSA — Tens razão. Antes só do que mal acompanhado. O tal Elisiário é um tipo perigoso.

FLOR — Passei uma noite horrível. Não consegui conciliar o sono. Pensava em mil coisas. Desastres de automóveis, barulhos, incêndios, tudo me vinha à imaginação numa confusão infernal.

Cena II

As mesmas e Malaquias (Entrando)

MALAQUIAS — Então? Já há alguma notícia de meu Padrinho e de D. Peraldiana?

FLOR — Nada. Não dão sinal de vida. Eu já estou numa aflição horrível.

MALAQUIAS — Eu penso que não há motivo para essa aflição de vocês. O mais que pode ter acontecido é eles se terem perdido nas ruas da Capital. Mas não de aparecer.

ROSA — Mas Malaquias, não seria conveniente você ir procurá-los Já está anoitecendo.

FLOR — Vá Malaquias. Vá procurá-los.

MALAQUIAS — Pois bem. Vou dar um bordo lá pela Praça do Ferreira para ver se os encontro. Até já. (Sai)
(Flor e Rosa vão levá-lo à porta e depois recolhem-se a seus aposentos)

Cena III

CANDOCA — Pode-se entrar? É estranhável isto. Ninguém para me receber. Não há então, uma comissão de recepção? Passei a tarde inteira decorando uma poesia para recitar hoje aqui — Sou doido por uma festinha de casamento — Gosto tanto de brincar a prenda, e o amigo ou amiga. Ah! Parece que vem gente aí.

Cena IV

Candoca, Rosa e depois Flor

ROSA — (Entrando) Ah! Um homem aqui!

CANDOCA — (À parte) Que criança gentil. (Alto) Menina, os meus cumprimentos.

ROSA — Que deseja o senhor?

CANDOCA — (À parte) Como é engraçadinha.

ROSA — Responda, senhor. O que deseja?

CANDOCA — Eu sou um dos convidados.

ROSA — Um dos convidados?

CANDOCA — Sim, senhora.

ROSA — Mas convidado para quê?

CANDOCA — Ora, para a festa.

ROSA — (À parte) Este sujeitinho está me parecendo que é maluco. (Chamando à porta) Flor!

FLOR — (Entrando) Que há Rosa? (Reparando em Candoca) Ah! Quem é esse rapaz?

ROSA — Eu sei lá. Diz ele que é um dos convidados.

CANDOCA — (Para Flor) Sim, Ex.^a Eu me chamo Candoca e tive a insígne honra de ser um dos convidados.

FLOR — Convidado? Convidado para quê?

CANDOCA — Ora. Ora. Para a festa.

FLOR — Que festa?

CANDOCA — Do casamento

FLOR — Do casamento? Cada vez entendo menos. Não sei absolutamente do que se trata.

ROSA — Mas que casamento é esse, senhor?

CANDOCA — Que há hoje aqui. Não há hoje aqui, uma festinha de casamento?

FLOR — Não senhor. Nem festa e nem casamento. O senhor está enganado. Queira retirar-se.

CANDOCA — Não há alguém aqui para casar?

ROSA — Ninguém senhor.

CANDOCA — Mas eu fui convidado. Boulevard Visconde do Rio Banco, 902. Não é aqui?

FLOR — É.

CANDOCA — Pois então não me enganei. É aqui mesmo.

ROSA — Mas, senhor, nós já não lhe dissemos, que aqui não há festa nenhuma.

CANDOCA — Quem é a dona da casa?

FLOR — Sou eu.

CANDOCA — E a senhora é casada no civil e no religioso?

FLOR — No civil e no religioso. Mas por que me faz esta pergunta?

CANDOCA — É porque, sim, podia ser que seu marido, sendo casado com a senhora só no religioso, tivesse resolvido casar com outra no civil. Vê-se tanto disso.

ROSA — O senhor está equivocado.

FLOR — Peço-lhe que se retire. Meu marido não está em casa.

CANDOCA — Mas minha senhora, aqui não é o Boulevard Visconde do Rio Branco?

FLOR — É.

CANDOCA — N.º 902?

FLOR — É, sim. Já não lhe disse?

CANDOCA — Pois é isto mesmo. Está aqui a nota — Boulevard Visconde do Rio Branco, 902.

(Batem palmas e entram mais dois convidados)

CONVIDADOS — Minhas senhoras, os meus cumprimentos.

FLOR — Quem são os senhores e a quem procuram?

CONVIDADOS — Somos convidados.

CANDOCA — Para a festa do casamento?

CONVIDADOS — Perfeitamente.

CANDOCA — (Para Flor) Está vendo, minha senhora? É aqui mesmo. Dêem-me os chapéus.

FLOR — Meus senhores, aqui não há festa nenhuma.

CONVIDADOS — Mas minha senhora, nós fomos convidados.

ROSA — Forçosamente há engano.

CONVIDADOS — Não diga isto minha senhora. Não pode haver engano. Boulevard do Rio Branco, 902, é aqui.

FLOR — Porém, meus senhores, a dona da casa sou eu. E posso assegurar-lhes que aqui não há nenhuma festa.

CONVIDADOS — E nós que nem jantámos hoje...

Cena VI

Os mesmos e senhoritas

(Aparecem as senhoritas)

CANDOCA — Aí chegam algumas senhoritas. Naturalmente são convidadas.

SENHORITAS — Minhas senhoras como têm passado? Meus senhores...

CANDOCA — Vieram para a festa?

SENHORITAS — Sim, senhor. Fomos convidadas.

ROSA — Que pessoal!

FLOR — Mas isto é incrível. Parece uma brincadeira.

SENHORITA — Brincadeira? Como brincadeira? Aqui não há uma festinha de casamento?

FLOR — Não, senhorita. Não me consta que haja qualquer festa em minha casa. Vou aguardar a chegada de meu marido, que há de desfazer esta embrulhada. Vamos Rosa. (Saem ambas)

CANDOCA — Que negócio encrencado!

CONVIDADO — Eu só quero ver em que acaba isto!

(Entram o Macacão com a harmônica)

CANDOCA — Olhem! Já chegou o tocador. O Macacão é figura obrigada em todos os casamentos de importância.

CONVIDADO — É verdade. Vamos aproveitar o tempo.

CANDOCA — (Para o tocador) Raimundo, toque aí um tango bem repinicado. Vamos dançar negrada. Tirem pares.

(Convidados tiram seus pares e dançam um tango)

CANDOCA — Fogo, Raimundo..

Cena VII

Os mesmos e Malaquias

MALAQUIAS — (Entrando) Mas que diabo é isto? A casa está invadida.

CANDOCA — O senhor também é convidado? Dê-me o chapéu.

MALAQUIAS — Convidado? Eu? Convidado pra quê?

CANDOCA — Pro casamento. Dê-me o chapéu.

MALAQUIAS — Que casamento?

CANDOCA — Que há hoje aqui.

MALAQUIAS — Aqui? (Chamando) Flor! (Flor aparece com Rosa) Que história é esta?

FLOR — Eu sei lá! Essa gente diz, que foi convidada para um casamento e teima em afirmar que é aqui.

CONVIDADO — Sim, senhor. Boulevard Visconde do Rio Branco, 902.

FLOR — Os senhores laboram num engano. Deram-lhe a indicação errada. Ou então foram vítimas de algum gracejo de mau gosto.

MALAQUIAS — Sabem o melhor? Retirem-se o quanto antes. Não admito chinfrim na minha casa. Rua! Rua! Vão procurar forró noutra parte.

CANDOCA — Isto não. Não pode ser.

TODOS — Ah! Não. Isto não. Isto não; não pode ser.

MALAQUIAS — Mas senhores; Não me obriguem a recorrer à polícia para pô-los no olho da rua...

FLOR — Isto é um escândalo!

CONVIDADOS — Nós fomos convidados. Não nos pode botar pra fora.

CANDOCA — Maestro, música.

MALAQUIAS — Pois então, já que não querem sair de boa vontade, vou dar parte à polícia. (Sai)

CANDOCA — Está se encrocando o negócio. (Para Rosa) Senhorita, quer dar-me a subida honra de dançar comigo esta figurada?

ROSA — Não, seu moço. Nem figurada, e nem desfigurada.

FLOR — Mas isto é um absurdo inqualificável. Isto é lá terra.

CONVIDADOS — (Tiram pares) Fogo Macacão. (Dançam e em meio à dança ouvem-se gritos fora — Vivam os noivos. Vivam os noivos!) (Param a dança)

CANDOCA — Olhe! Os noivos! Os noivos vem aí.

FLOR — Só faltava isto. Apareceram agora os noivos e tomarem conta da casa!

ELISIÁRIO — (Entrando) Vivam os noivos! Vivam os noivos! Ó abram alas, que eles vão passar!

CONVIDADOS — Ó abram alas, que eles vão passar! (Entram os noivos solenemente. Vêm de luvas e Peraldiana traz um espartilho de baixo do braço. Atrás vem Casuzinha de chapéu novo. Os convidados dão vivas.)

FLOR — Minha mãe!...

ROSA — Minha madrinha!...

(Convidados cumprimentam os noivos)

PUXAVANTE — Brigado, meu povo!

FLOR — Mas minha mãe! Que significa isto? Que palhaçada é esta?

PERALDIANA — Paiçada não senhora. O caso é sero.

PUXAVANTE — Isto significa Fulô, qui nós se casou no incivil. Nós vei agora mermo de Porangaba. Pro sinal qui tou escangaiado.

PERALDIANA — O religioso ficou pros Inhamun. Farta ainda a licença inclesiata. Fulô, este agora num é só seu Padrim é seu Padrasto.

FLOR E ROSA — Casaram? Pois casaram mesmo de verdade?

PERALDIANA — Ambom.

FLOR — Parece um sonho, isto!

PERALDIANA — Ora boca de sonho. Mais porém, me diga que ademiração é esta? Vosmicê quis casá e o Malaquias casou. E eu nada...

ELISIÁRIO — D. Flor, é o único meio de D. Peraldiana voltar aos Inhamuns.

PERALDIANA — É. Assim casada eu vorto. O qui eu num queria era vortá mais cuma vim, escoteira, ou, quero dizê, sorteira.

FLOR — Naturalmente foi o senhor Elisiário, que meteu esse negócio na cabeça deles.

- ELISIÁRIO — Eu? Eu não, minha senhora, eu não meti nada na cachola deles, não. Eles mesmos se embrulharam; eu apenas empreguei o meu prestígio para facilitar os meios de apressar o desposório.
- PERALDIANA — Fulô, esse povaréu foi convidado pra festa.
- PUXAVANTE — Vem inté uma orxesta. Num vem seu Liziaro?
- ELISIÁRIO — Naturalmente. O Macarão já está aí com a harmônica. Mas, sentem-se. Os noivos devem estar sentados no sofá. É da pragmática. (Os noivos sentam-se)
- PERALDIANA — Seu Liziaro, precisa é arranjá argum discumê e uma beberajesinha pros convidado.
- ELISIÁRIO — Arranja-se. Arranja-se tudo. É só mandar um bilhetinho na Gruta e vem tudo. Cerveja gelada, bolos, impadas, casquinhas, fritada de bacalhão, o diabo. Ainda tem dinheiro Coronel?
- PUXAVANTE — 240\$000.
- ELISIÁRIO — Pois me dê 100\$000 pra essas despesas. (21)
- PUXAVANTE — Pegue-se, seu Liziaro. São os últimos. Num lasco mais nem um vintém. (Entrega) O resto é pra viagem.
- ELISIÁRIO — Vou providenciar. Vou mandar um portador à Gruta.
- PUXAVANTE — Tá me saindo sargado esse negócio. Só im luva, espartilho, grináoda, vestido pra cumade, batina pro Casuzinha e outras burudangas mais de 300\$000, num falando nos gastos da Porangaba. Inda num casei no religioso e já tou esfolado.
- PERALDIANA — Num faça causo disso cumpade. Mais valum gosto do que 4 vintém.
- PUXAVANTE — Lá isso é verdade.
- FLOR — Mas mamãe, que lembrança foi essa da senhora casar nessa idade?
- PERALDIANA — Ora taí. Eu, graças a Deus, inda tou bem conseivada. Num assuportei foi o espartio. Foi perciso tirá o bruto lá na Porangaba. Eu lá dou mais pra andá cum isso! Qué pra tu Fulô?
- FLOR — Não, minha mãe, obrigada.
- PERALDIANA — Fiquei qui num podia nem o meno dá um passo. Afrontadinha. Parecia qui eu tava mais, era incangaia-da.
- ELISIÁRIO — Incangalhada? Ah! Ah! Ah!. Mas vamos dar execução ao programa. (Lendo) 1.^a parte — A noiva abre a festa com uma canção nupcial.
- PERALDIANA — Cuma foi isso seu Liziaro?
- ELISIÁRIO — A senhora tem que cantar qualquer coisa. É quem abre a festa.

(21) Cem mil réis.

PERALDIANA — Eu não seu Liziaro. Tou tão istrupiada. E demais, podem arreará. Casadinha assim de fresco... já cantando.

ELISIÁRIO — Qual, minha senhora; é até chic. É da pragmática...

CONVIDADOS — Cante! Cante! A noiva deve cantar.

CANDOCA — Cante D. Peraldiana.

PUXAVANTE — Cante, cumade.

PERALDIANA — Cumade, não. Num me chame mais cumade. Vosmicê tem qui me chamá agora é Peraldiana. Tá ouvindo, cumpade.

PUXAVANTE — Apois sim. Mas você tomem num me chame cumpade. Tem que mi chamá é Luís, ou antonce Lulu, cuma chamava a minha defunta.

PERALDIANA — Apois sim Lulu, mas porém num me fale mais na sua defunta.

ELISIÁRIO — Vamos ver lá isso D. Peraldiana.

PERALDIANA — Apois bem. Eu vou cantá (Levanta-se).

CANDOCA — Bravos!

CONVIDADOS — Bravos! Bravos!

PERALDIANA — (Canta)

Casadinha de fresco
Eis-me aqui toda chibante
Acabei meu cumpadresco
Com o velho Puxavante (Bis)

Olé! Caramba
Quem não gosta de cair no samba (Bis)

Peraldiana Pimenta
Já não sou. De ora avante
Passarei a me chamá
Peraldiana Puxavante
Olé! Ai! Ai!
Outra caboca com'eu num hai. (Bis)

Véúva quando casa
Fica assim, toda pachola
É mesmo que uma brasa
Pinoteia e cabriola
Olé! Caramba
Quem não gosta de cair no samba (Bis)

TODOS — Bravos! Bravos!

ELISIÁRIO — Muito bem, D. Peraldiana. A senhora cantou como uma Sylfhide.

PERALDIANA — Quáo Sylfhes, seu Liziaro. Deixe de mangofa.

ELISIÁRIO — Mangofa o que! É a expressão genuína da verdade. Agora vamos à 2.^a Parte do Programa. (Lendo) Saudação aos noivos por Elisiário Cavalcante. O diabo é que a cerveja ainda não chegou. D. Flor, não haverá aí qualquer coisa que a gente beba não? Um peruzinho sem osso, cambica de cajá ou mesmo pega-pinto?

FLOR — Não tem nada disso.

ELISIÁRIO — Então, senhores, vai mesmo em seco. (Tempera a garganta)

CONVIDADOS — Bravo do orador.

ELISIÁRIO — Senhores, se a morte é um ato sério da vida, o casamento é tão sério como a morte. São dois entes que se encangam e vão pela vida afora se aturando reciprocamente. Algumas vezes o casamento senhores não é mais que uma sociedade em comandita, uma sociedade de interesses mútuos, na qual, um dos contraentes é o sócio de indústria. Mas no caso presente, meus senhores, é um casório de amor. Cupido conflagrou o coração dessas duas criaturas. Ante o amor, as rugas desaparecem. Eram viúvos, nascidos e criados nos mesmos pastos. Sairam-se bem da 1.^a vez; deram mosca. Quem gosta, torna senhores. O Cel. Puxavante e sua Exma. costela D. Peraldiana Pimenta.

PERALDIANA — Pimenta não, seu Liziaro. Pimenta era o meu esfalecido. Agora sou mais porém é Puxavante.

ELISIÁRIO — Está bem D. Peraldiana; está aprovada a sua emenda. Eu saúdo portanto senhores, neste momento solene, o Cel. Puxavante e sua digníssima cara metade, D. Peraldiana Puxavante. Esta boda...

PERALDIANA — Protesto, seu Liziaro. Boda não sinhô, arrespeite.

PUXAVANTE — É seu Liziaro. Nem ela é boda, nem isto aqui é chiqueiro.

ELISIÁRIO — Mas D. Peraldiana. eu não lhe chamei de boda. Bôda quer dizer festim de noivado.

PERALDIANA — Abom. Lá no sertão, boda é outra coisa.

ELISIÁRIO — Vou terminar, senhores. O sereno (22) já está se formando. Vou concluir esta descolorida peroração, formulando votos sinceros pela felicidade destes jovens anciãos, na sua nova vida. (Bravos) Que sejam muito felizes e tenham muitos filhos.

PERALDIANA — Ôi! O que é isto seu Liziaro? Isto tomém é do programa?

ELISIÁRIO — Naturalmente, D. Peraldiana.

PUXAVANTE — Seu Liziaro, vosmicê teve muito disconveniente no seu xarope.

(22) Pequena aglomeração de populares.

ELISIÁRIO — Isto não vale nada Cel. Vamos à 3.^a Parte do Programa. (Lendo) Recitativo por um dos convidados. Qual dos senhores quer recitar?

CANDOCA — Eu. Eu, seu moço. Vim preparado pra isso

ELISIÁRIO — Então ataque. Nada de esfriar.

CANDOCA — Vou recitar uma poesia nefelibata. Foi improvisada em dois dias apenas. São versos au... au... (Uma voz no sereno: Cachorro) Autênticos.

“Tosse do Amor”

Não é só o fogo da labareda que queima,
O do amor não só queima, como assa;
Quem ama também tosse e vive em teima
Com o coração em fogo e em fumaça.

(Voz no sereno: Bonitinho)

Eu sinto o amor avacalhar-me o peito
Por isso eu tusso, eu tusso apaixonado.
E ninguém pode a este mal dar jeito
Meu coração já está de todo assado.

(Voz no sereno: Ai Candoca)

Nasci só para amar. O belo sexo
É tudo para mim. Se acaso um ente amado
Olha pra mim, então, eu fico desconexo
É pena que eu seja assim tão acanhado.

(Voz no sereno: Mamãe! Ói a cara dele!)

ELISIÁRIO — (Para o sereno) Isto aqui é uma casa de família
Mais respeito.

(Voz no sereno: Pois sim)

ELISIÁRIO — (Lendo) 4.^a Parte — D. Peraldiana, a senhora
agora tem de contar outra vez. Depois rompe o bales. A senhora abre e fecha o Programa. É da pragmática.

PERALDIANA — Eu cantá ainda seu Liziaro? Num sei proque
eu hoje tou cum mais acanhão do que conde casei a primeira
vez c’o defunto Zuca.

PUXAVANTE — Deixe esse negócio de defunto minha véia.

PERALDIANA — Conde o home perguntou na Porangaba s’eu
levava gosto im arrecebê o Lulu pur marido, guagi qui
dou uma pilora. Num dou mais pra mode aguentá esses
choque. Tomém é derradeira vez que eu me caso.

PUXAVANTE — Deixa de dengue, minha véia e desdobre aí uma
cantiga. É do programa.

PERALDIANA — Depois lá váe mécha. (Canta)

Meus Deus, cumo estou tão agitada
No coração sinto um baticum
Me alembrando qui vou casada
Vortá agora pros Inhamum
Um baticum, um baticum, um baticum (Bis)
Por i casada pros Inhamum
(Voz no sereno. Agoenta, minha véia)

Eu sempre fui toda assim dengosa
Assim faceira e perequeté
Outa num vejo tão animosa
Não sou foguete, sou buscapé
Perequeté! Perequeté! Perequeté!
Não sou foguete, sou buscapé (Bis)

Ninguém me iguala no bamboleio
Sempre fui doida por um forró
Todós se cansam e eu num arreo
Batendo rijo meus mocotó

Por um forró! Por um forró! Por um forró!
Batendo rijo meus mocotó. (Bis todos)
(Voz no sereno: Quebre veinha!)

PERALDIANA — É mió qui deixe de gaiateza.

ELISIÁRIO — Eu mando evacuar as galerias. Vocês pensam que isto aqui é a casa da viúva Costa? (23)

(Entram Malaquias, um guarda civil e depois Casuzinha)

MALAQUIAS — Veja, camarada, invadiram a minha casa e estão neste forró medonho.

GUARDA — Estão todos presos. Sigam.

TODOS — Presos!

PERALDIANA — Mais o qui é isso Malaquias, depois você traz soldado mode prendê a gente!

MALAQUIAS — Não é para prender a senhora nem meu Padri-
nho. É para meter no xilindró esse pessoal.

PUXAVANTE — Esse pessoal foi nós qui convidou, Malaquias.

MALAQUIAS — Convidou? Para quê?

PERALDIANA — Pra festa do nosso casóro. Eu casei hoje c'o
cumpade Puxavante, ou — c'o Lulu. Você num tá vendo
eu fardada de noiva?

MALAQUIAS — Casaram? Pois casaram de verdade?

PERALDIANA — Ó. Ó.

MALAQUIAS — Ou corage...

GUARDA — Mas espere... Eu conheço estes velhotes. Dormiram
esta noite no xadrez.

(23) Dito popular.

PERALDIANA — Ou veigonha!

MALAQUIAS — Camarada, esta é minha sogra e este é meu Padrinho.

GUARDA — Mas eu não dou minha viagem perdida. Vou levar o Candoquinha comigo.

TODOS — Oh!...

MALAQUIAS — Sabem? Dei baixa hoje no Exército e volto amanhã para os Inhamun com a Flor.

FLOR E ROSA — Oh! Que felicidade!

PERALDIANA — Depois vão mais nós. Nós vai passá a lua de mel no terem de ferro.

CASUZINHA — Eu tomém quero i...

PERALDIANA — Ora faça idéia. Menino desgraçado cuma foi qui tu fugio do Suminaro?

CASUZINHA — Pulei o muro...

PERALDIANA — Isso lá dá pá pade, cumpade.

ELISIÁRIO — Cel. pode levar o menino para os Inhamuns. Juro em fé de meu grau, que não dá para o sacerdócio. (Para Rosa) D. Rosinha, então a senhora volta para o sertão e não me dá nem uma esperançazinha...

ROSA — É melhor que deixe de ser tão pau... (Casuzinha manga)

ELISIÁRIO — Oh! diabo. Vamos então dançar uma quadrilha. Rapaziada tirem os pares. Vivam os noivos!

TODOS — Vivam os noivos!

(Flor, Rosa, Peraldiana, etc. cantam)

A alegria nos invade
Nos invade o coração
Vamos deixar esta cidade
Regressar para o sertão

Ai amor do coração
Vamos lá para o sertão

No sertão a nossa vida
A nossa vida é mais amena
Em nossa aldeia tão querida
Tão risonha e tão serena

Ai amor do coração
Vamos lá para o sertão.

Fim do 3.º Ato.



GRACINHA PADILHA: atriz do Grêmio Dramático Familiar